Ambiente
Gestão & Desenvolvimento
ISSN 1981-4127

Noite em Caracas: o deslocamento espacial e identitário na literatura venezuelana

La Hija de la Española: el desplazamiento espacial e identitario en la literatura venezolana

DOI: https://doi.org/10.24979/ambiente.v19i2.1896
Submissão: 11/10/26
Aprovação: 09/11/26

Luana Yakira Rodrigues Mendes
https://orcid.org/0000-0001-6874-6659
Tatiana da Silva Capaverde
https://orcid.org/0000-0002-7826-7640

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra **Noite em Caracas** (2019), da escritora venezuelana Karina Sainz Borgo, à luz dos conceitos de memória, identidade, *insilio* ou auto exílio e corporeidade nos deslocamentos, buscando compreender de que maneira esses temas são representados e articulados ao longo da narrativa. Para tanto, adota-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, fundamentada nas discussões teóricas de Bauman (2021), Assmann (2011), Hall (2006), Said (2003), Larrobla; Figueredo (2023), Spadola (2022), Coraza; Gatica (2019), Capaverde (2019, 2025) e Amaro (2013), entre outros autores que abordam as temáticas em questão. Por meio da construção das personagens, a narrativa evidencia a ruptura dos vínculos identitários enfrentada pelos sujeitos em situação de deslocamento, revelando a complexidade dos processos de construção e reconstrução das identidades, bem como das relações de alteridade em contextos de (in)mobilidade. Dessa forma, a análise evidencia que a obra de Karina Sainz Borgo integra um conjunto de produções literárias venezuelanas contemporâneas que dão visibilidade

ISSN 1981-4127

às experiências individuais e coletivas decorrentes da crise vivenciada pelo país. Nesse contexto, destaca-se a relevância do deslocamento como elemento central da literatura venezuelana contemporânea.

Palavras-chave: Deslocamento. Literatura Venezuelana. Insilio. Identidade.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar la obra **La hija de la española** (2019), de la escritora venezolana Karina Sainz Borgo, a partir de los conceptos de memoria, identidad, insilio o autoexilio y corporeidad en los desplazamientos, buscando comprender de qué manera estos temas son representados y articulados a lo largo de la narrativa. Para ello, se adopta como metodología la investigación bibliográfica, fundamentada en las discusiones teóricas de Bauman (2021), Assmann (2011), Hall (2006), Said (2003), Larrobla y Figueredo (2023), Spadola (2022), Coraza y Gatica (2019), Capaverde (2019, 2025) y Amaro (2013), entre otros autores que abordan estas temáticas. A través de la construcción de los personajes, la narrativa pone de manifiesto la ruptura de los vínculos identitarios que experimentan los sujetos en situación de desplazamiento, revelando la complejidad de los procesos de construcción y reconstrucción de las identidades, así como de las relaciones de alteridad en contextos de (in)movilidad. De esa manera, el análisis evidencia que la obra de Karina Sainz Borgo forma parte de un conjunto de producciones literarias venezolanas contemporáneas que dan visibilidad a las experiencias individuales y colectivas derivadas de la crisis que atraviesa el país. En este contexto, se destaca la relevancia del desplazamiento como elemento central de la literatura venezolana contemporánea.

Palabras clave: Desplazamiento. Literatura venezolana. Insilio. Identidad.

1 Introdução

Em se tratando de processos de mobilidade, a Venezuela tem sido palco de um dos fenômenos mais recentes e ainda atuais desse episódio. Segundo Jarochinski-Silva e Baeninger (2021), essa realidade migratória é a mais significativa de todas as Américas na atualidade. Para que se tenha uma noção das proporções que este êxodo tomou, os autores trazem dados que demonstram que 5,6 milhões de venezuelanos já se encontravam fora de seu país até julho de 2021.

Esses números dividem-se, em sua maior parte, entre vários países da América Latina e do Caribe como Colômbia, Peru, Chile, Equador e Brasil. É importante mencionar que essa onda de migração oriunda da

ISSN 1981-4127

Venezuela se dá por conta da situação social, política e econômica em que o país se encontra o que atinge diferentes grupos e classes sociais promovendo uma crescente migração numérica ano após ano (Capaverde, 2019). Dessa forma, um país que até a década de noventa era tido como destino de muitos migrantes, a partir desse século passa a ser considerado o ponto de partida para seus habitantes, como Rojo (2016) bem ressalta.

A contextualização da migração venezuelana faz-se necessária, uma vez que esse fenômeno passou a ocupar um lugar de destaque entre as temáticas abordadas pela literatura venezuelana contemporânea. Conforme observa Rojo (2016, p. 655), trata-se de "una nueva variante de nuestra literatura, la que se refiere a la diáspora". Nesse sentido, a diáspora venezuelana tornou-se uma importante matéria de reflexão e representação literária, sobretudo porque, como argumenta a autora, a felicidade não constitui um objeto privilegiado da literatura. Ao contrário, são os conflitos, as dificuldades, as perseguições e as diferentes formas de opressão que impulsionam a criação de novas narrativas. Desse modo, considerando que o êxodo se configura como uma das expressões mais marcantes da realidade venezuelana contemporânea, compreendemos o motivo da recorrência dessa temática nas produções atual. Assim, a representação das experiências sociais, políticas e humanas que atravessam a Venezuela constitui um aspecto fundamental para compreender os caminhos e as particularidades da produção literária venezuelana contemporânea, conforme destaca a autora:

> La narrativa venezolana, con pocas excepciones, es realista y suele mostrar los sucesos pasados o presentes de nuestro país. Los eventos históricos más o menos recientes, el día a día, la suma de acontecimientos en los que nos vemos y reconocemos son parte fundamental de nuestra producción literaria (Rojo, 2016, p. 654).

Além da busca pela representação da realidade social e política, outro aspecto que podemos destacar em relação ao aumento da presença do tema dos deslocamentos na literatura venezuelana é o fato de muitos escritores terem passado pela experiência de sair de seu país e começarem a publicar seus livros em países estrangeiros. Trata-se de uma realidade não apenas tida como objeto narrativo, mas como algo vivenciado também por quem produz essas narrativas. Coletâneas têm reunido essas vozes expatriadas, como a de Silda

ISSN 1981-4127

Cordoliani, que compilou, no livro chamado **Pasaje de Ida** (2013), os testemunhos de quinze escritores venezuelanos que vivem fora do país, e **Escribir afuera:** cuentos de intemperies e querencias (2021), de Katie Brown, Liliana Lara e Raquel R. Rojas, que apresenta a mesma proposta reunindo trinta e um contistas. Entre os nomes mais destacados dos escritores expatriados, Rojo (2016) cita Eduardo Sánchez Rugeles, Juan Carlos Méndez Guédez, Miguel Gomes e Juan Carlos Chirinos (Rojo, 2016) e Capaverde (2019) ainda acrescenta Israel Centeno, Gustavo Valle e Liliana Lara. Capaverde (2019) ressalta ainda que, por mais que muitos escritores estejam vivendo fora da Venezuela por motivações variadas e publiquem suas obras em diferentes países, eles possuem em comum o fato de que

> [...] em todos os casos transparece, em maior ou menor grau, a crise institucional e política da Venezuela, além de espaços e acontecimentos que remetem à memória coletiva. Na tessitura narrativa dos diferentes autores, as abordagens do tema e a construção dos personagens, sejam eles migrantes, exilados, viajantes ou aqueles deslocados frente a uma nova ordem social e política, adotam a poética do deslocamento como estética que ressignifica espaços e identidades (Capaverde, 2019, p. 34).

E é justamente a partir dessa estética da poética do deslocamento que será analisada a obra **Noite em Caracas** (2019), de Karina Sainz Borgo.

Karina Sainz Borgo é uma escritora venezuelana nascida em 1982 formada em jornalismo. Trabalhou no jornal **El Mundo** e é jornalista especializada na área da cultura no jornal **Vozpopuli.com**. Teve sua estreia literária com a obra **La hija de la española**, publicada primeiramente na Espanha em 2019, cujo título no Brasil foi traduzido para **Noite em Caracas**, publicado também em 2019 pela Editora Intrínseca e que se tornou um fenômeno difundido em mais de vinte idiomas. A autora tem outros trabalhos como o blog **Crónicas Barbitúricas,** que reúne textos que posteriormente foram publicados no livro **Crónicas Barbitúricas**: el asombro y la ira (2020), em que a autora compartilha relatos a respeito do fato de ter deixado seu país de origem, a Venezuela, e ter se mudado para a Espanha onde vive desde 2006. A segunda obra da autora é o **El Tercer País**, publicado em 2021, sem tradução para o portugues até a presente data. Por fim, em 2023,

ISSN 1981-4127

lançou o romance **La isla del doctor Schubert**. Também vale destacar que Karina foi uma das convidadas para a Festa Literária Internacional de Paraty, a Flip, realizada em 2019, no Brasil.

Em **Noite em Caracas** (2019)[1], a temática do deslocamento é construída a partir de diferentes perspectivas com a presença das histórias de diferentes migrantes que vivem na Venezuela. No entanto, o foco principal está na crise identitária vivenciada por Adelaida ao longo da narrativa, pois ela decide tomar a identidade de Aurora, sua vizinha espanhola morta, para poder sair do país após o falecimento de sua mãe. Enquanto ela se prepara para deixar Caracas, passa por um processo gradual de transformação, marcado pelo enfraquecimento de seu sentimento de pertencimento ao país. Assim, à medida que a Venezuela que conhecia se desintegra diante da violência e do caos, sua identificação com a própria nação também se desfaz. O deslocamento, portanto, não se limita à dimensão física da fuga, mas representa também uma ruptura simbólica com seu lugar de origem, que abordaremos a partir da perspectiva do *insilio*. Nesse processo, rompe-se o vínculo que sustenta a identidade de Adelaida enquanto pertencente àquela nação, dando lugar a uma nova configuração identitária. Sem essa identificação e a aderência com a nação, algo se desfez nos sentimentos de Adelaida com relação ao seu lugar de origem e uma nova Adelaida-Aurora nasce.

Portanto, temos como objetivo observar as representações dos deslocamentos espaciais e identitários que se passam na narrativa. Como trata-se de uma obra em que não se apresenta uma história de um sujeito empreendendo deslocamento para fora do país, mas que vivencia o deslocamento subjetivo e as transformações para uma posterior fuga geográfica, a análise exige compreender os trânsitos internos a partir do conceito *insilio* para marcar a carga traumática e violenta do isolamento sofrido pela protagonista. Nos trechos do romance mencionados, principalmente na dimensão memorialista do relato, é possível perceber os sentimentos contraditórios da personagem para com o próprio país e sua condição identitária em crise, assim como a constante presença de migrantes que retratam essa relação da Venezuela com os

[1] Para fins de análise, será usada a edição traduzida e publicada no Brasil.

ISSN 1981-4127

processos migratórios, o que evidencia as mudanças que ocorrem no entorno e na dimensão interna da personagem.

2 Deslocar-se de si mesmo

No que se refere às questões identitárias, Bauman (2021) evidencia a complexidade desse conceito ao destacar que a formação da identidade está diretamente relacionada às experiências e às interações que o indivíduo estabelece com diferentes comunidades ao longo de sua trajetória de vida. Nesse sentido, é pouco provável que um sujeito mantenha vínculos exclusivamente com uma única comunidade de ideias e princípios, uma vez que está constantemente exposto a diferentes grupos, valores e perspectivas. Desse modo, compreende-se que a identidade não constitui algo fixo ou imutável, mas um processo dinâmico, construído e ressignificado a partir das múltiplas relações sociais vivenciadas pelo indivíduo. É justamente essa multiplicidade de influências que revela a complexidade do fenômeno identitário.

O autor distingue dois tipos de comunidades: as comunidades de vida e as comunidades de destino, que correspondem, respectivamente, àquelas em que seus integrantes "vivem juntos numa ligação absoluta" (Bauman, 2021, p. 17) e àquelas que são "fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios" (Bauman, 2021, p. 17). Enquanto as primeiras estão relacionadas aos vínculos estabelecidos pela convivência e às experiências compartilhadas, as segundas se constituem a partir de ideias e princípios que aproximam indivíduos de diferentes contextos. Bauman (2021) também relaciona a identidade ao sentimento de pertencimento, uma vez que a busca por uma identidade está diretamente vinculada à necessidade de reconhecer-se como parte de uma coletividade. Assim, ambos os conceitos são fluidos e passíveis de transformação, conforme as experiências e as relações estabelecidas pelos sujeitos.

Essa compreensão permite pensar a construção identitária da protagonista de **Noite em Caracas** (2019), Adelaida Falcón, considerando as diferentes relações que estabelece com seu espaço de origem e com os indivíduos que passam a integrar sua trajetória. Uma das dimensões pelas quais esse processo se manifesta é a memória, que permite contrastar as experiências individuais da personagem com as transformações

ISSN 1981-4127

ocorridas no contexto nacional. Em um primeiro momento, o leitor acompanha as lembranças de infância de Adelaida, especialmente as viagens realizadas com a família durante as férias para visitar suas tias. As recordações da infância de Adelaida são apresentadas em contraponto com o que a personagem vive em sua fase adulta como uma forma de demonstrar as mudanças vivenciadas no país e os sentimentos que a personagem nutria em relação a isso. As viagens, marcadas pelos vínculos afetivos e pelas experiências agradáveis da infância, representam uma Venezuela bastante distinta daquela que a personagem encontra no presente da narrativa. Para Zambrano (2022), tratava-se de memórias afetivas do país que faziam referência a um período da história de paz e bem estar social, que foram se desfazendo até o momento presente da narrativa, quando a personagem adulta está cercada pela violência. Esse choque de realidade é descrito ao longo da narrativa e essas memórias afetivas representam a comunidade de vida, descrita por Bauman, que compõem a identidade construída ao longo de sua história pessoal.

Além das memórias familiares, a narrativa também apresenta a Venezuela como um espaço historicamente marcado pela recepção de imigrantes, aspecto que permite compreender como as relações com diferentes comunidades participam da constituição identitária dos sujeitos. Através das memórias narradas pela personagem, o leitor tem conhecimento de como a Venezuela foi um país que recebeu inúmeros migrantes. Diferentes exemplos são citados, entre eles o caso da vizinha de nacionalidade espanhola e outros personagens secundários que possuem procedência ou vínculos com outros países. Ou seja, vemos retratado na obra a mudança no fluxo de pessoas: antes um país que recebia grandes contingentes de imigrantes agora um país do qual se busca sair. Um trecho que bem expressa essa mudança de direção entrada/saída referente à Venezuela é quando Adelaida, após relatar que havia crescido rodeada de filhas de imigrantes (Borgo, 2019), acrescenta:

> Nasci e cresci em um país que recebeu homens e mulheres de outra terra. Alfaiates, padeiros, pedreiros, encanadores, vendedores, comerciantes. Espanhóis, portugueses, italianos e alguns alemães que foram procurar no fim do mundo um lugar onde inventar o gelo de novo. Mas a cidade começou a esvaziar. Os filhos daqueles imigrantes, gente que não se

ISSN 1981-4127

> parecia muito com seus sobrenomes, empreendiam a volta para buscar nos países de outros a linhagem com a qual foi construída a sua (Borgo, 2019, p. 63).

A passagem evidencia a inversão do movimento migratório e, consequentemente, a transformação das relações estabelecidas entre os indivíduos e o território nacional. A questão do pertencimento também se manifesta na experiência de um personagem que relata viver em dois lugares ao mesmo tempo: em Caracas, onde mora atualmente; e na Itália, onde está sua família. Essa percepção oscilante do sentimento de pertencimento se percebe também na fala da narradora, que vai demonstrar os sentimentos contraditórios que sente em relação ao seu próprio país, isto é, o desejo de sair do país e estabelecer essa distância, mas sabendo que, ao mesmo tempo, sempre terá laços com o lugar de origem, pois é onde está enterrada sua família. Ainda que se aproprie da identidade da vizinha, não será verdadeiramente espanhola, mas, ao mesmo tempo, já não se sente parte da nação venezuelana, ficando então nesse entremeio identitário. Nesse sentido, ela se aproxima da vivência da vizinha Aurora Peralta, que, para Adelaida, passa a impressão de "habitar uma fronteira perpétua: nem venezuelana, nem espanhola" (Borgo, 2019, p. 141). Portanto, as relações de pertencimento não dependem exclusivamente dos deslocamentos territoriais, mas se operam também nas oscilações dos espaços mais íntimos, demonstrando, assim, a complexidade que se opera na construção (ou desconstrução) identitária.

Essa perspectiva encontra respaldo nas reflexões de Aleida Assmann (2011) que, no capítulo intitulado "Locais" de seu livro **Espaços da Recordação,** escreve sobre a relação que há entre espaços, lugares, recordações e memórias. Para a autora essa relação entre o lugar e as pessoas ganha significado de acordo com as gerações que crescem e vivem em uma mesma localidade, criando essa relação fixa e enraizada com a região. No caso de Adelaida, sua família é composta por pessoas nascidas no próprio país, sem histórico de migração que pudesse explicar uma identificação fragmentada com o território. Entretanto, essa condição não é suficiente para assegurar seu sentimento de pertencimento, uma vez que, segundo Assmann (2011), "Formas de vida moderna não permitem mais determinações fechadas como essas, que vinculam as pessoas

ISSN 1981-4127

a uma determinada porção de terra" (Assmann, 2011, p. 320) e, de acordo com Hall (2006), "A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia" (p. 13).

Assim, a relação de Adelaida com a Venezuela demonstra que a origem territorial, embora constitua uma referência importante para a identidade, não determina, de maneira definitiva, os vínculos que o sujeito estabelece com seu espaço. Nesse contexto de deslocamentos culturais, a alteridade assume papel importante na equação. Para Amaro (2013), seja qual for o contexto que se realize o trânsito ou a sua motivação, o movimento vai acabar por transformar a identidade daquele que se desloca, pois o ser humano se faz na relação que desenvolve com seu espaço-tempo. Então podemos considerar que a construção identitária se dá através da relação estabelecida com o seu meio, como tratado mais acima, e cuja ideia corrobora Hall (2006), quando afirma que a identidade sociológica é "formada na 'interação' entre o eu e a sociedade", mas não se pode deixar de considerar que o sujeito "é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais 'exteriores' e as identidades que esses mundos oferecem" (Hall, 2006, p. 11). Para sujeitos que vivenciam constantes trocas culturais, sua identidade está sempre em contínua transformação.

Em se tratando da relação estabelecida entre Adelaida e a Venezuela, observamos que a identidade desenvolvida durante toda a sua vida começa a entrar em crise à medida que as condições sociais e políticas do país se deterioram. Figueiredo e Noronha (2005) afirmam que para ocorrer a construção de uma identidade nacional são necessários alguns elementos que levarão ao nascimento da 'alma nacional' (p. 192), entre eles: "uma língua comum, uma história cujas raízes sejam as mais longínquas possíveis, um panteão de heróis que encarnem as virtudes nacionais, um folclore, uma natureza particular, uma bandeira e outros símbolos oficiais ou populares. Os integrantes de cada comunidade são convidados a nele se reconhecer e a eles aderir" (Figueiredo; Noronha, 2005, p. 192). Esses elementos permitem que os integrantes de uma comunidade se reconheçam como parte de uma coletividade e estabeleçam vínculos de identificação com o território. Na narrativa, entretanto, a deterioração das condições de vida e o rompimento das referências afetivas e sociais

ISSN 1981-4127

que sustentavam a relação de Adelaida com seu país evidenciam a fragilização desse sentimento de identificação.

A crise desse pertencimento não se manifesta apenas na relação da personagem com o território nacional, mas também nos espaços mais próximos de sua existência. A mudança espacial, representada inicialmente pela impossibilidade de permanecer em sua própria casa e pela necessidade de ocupar o apartamento da vizinha, funciona como uma espécie de preparação para a transformação identitária que precederá a saída da Venezuela. O cerceamento espacial, o rompimento dos laços familiares e afetivos e todo o contexto de violência e morte vivenciados preparam Adelaida para sua nova condição de auto exilada. Estabelece-se, assim, uma ambivalência entre a imobilidade de estar ilhada no apartamento (no próprio ou no da vizinha) e todos os deslocamentos subjetivos que ocorrem justamente a partir desse rompimento com a esfera social.

Também é importante destacar que Adelaida Falcón encontra-se em uma condição de solidão profunda depois da perda da mãe, acontecimento que abre a narrativa, uma vez que não se sente próxima às tias idosas que vivem em outra cidade e não possui mais nenhum outro parente ou amigo íntimos. Essa situação é agravada pelo contexto em que está inserida, em que as pessoas passam a maior parte do tempo em casa para evitar os perigos existentes nas ruas violentas. Ao perder tudo que tinha, família e bens, a personagem foi sendo exilada do próprio mundo, ou melhor, foi se exilando do mundo que antes conhecia, o que a leva ao estado de solidão, antes mesmo de passar pelo processo de sair, de fato, do país. Pensar na concepção primeira de exílio para se chegar ao *insilio* é essencial para não perdermos a dimensão traumática do banimento no próprio país, pois segundo Edward Said, o exílio "é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada" (Said, 2003, p. 46)

Diante dessas circunstâncias, Adelaida parece impor a si mesma uma espécie de banimento, uma vez que não enxerga mais aquele lugar como casa. Nesse sentido, é possível analisar sua trajetória a partir de

ISSN 1981-4127

dois movimentos articulados: o *insilio* (Capaverde, 2025) ou autoexílio (Larrobla Caraballo; Figueredo Corradi, 2023; Spadola, 2022; Coraza de los Santos; Gatica, 2019), que se manifesta inicialmente no espaço imediato do apartamento e nas relações que a personagem estabelece com o mundo ao seu redor; e a preparação para a saída definitiva da Venezuela em direção à Espanha. Para compreender esse processo, torna-se pertinente recorrer ao conceito de *insílio*, também denominado exílio interno (conceito usado por Larrobla Caraballo e Figueredo Corradi, 2023), que permite pensar as experiências de isolamento e afastamento vivenciadas pelo sujeito mesmo quando permanece no território de origem, já que a trama narrativa foca nos deslocamentos internos sofridos por Adelaida.

Como o conceito de *insilio* se desdobra a partir do conceito de exílio, foi necessário apontar a carga de fratura e de solidão que carrega nossa protagonista para pensar nos micros processos internos de perdas pela qual passa Adelaida. Capaverde (2025) menciona em seu artigo o histórico do termo *insilio* e seus usos em diferentes estudos no contexto da América Latina, representando a produção literária clandestina e o silenciamento de vozes durante a ditadura argentina; assim como Coraza de los Santos e Gatica (2023) apresentam diferentes subcategorias do conceito de exílio. Logo, os termos *insilio* e exilio interno serão entendidos aqui como equivalentes, referindo-se a esse estranhamento da personagem com relação ao seu país e as características que assume seu deslocamento físico e subjetivo dentro do próprio país.

Larrobla Caraballo e Figueredo Corradi (2023) apresentam a ideia de *insilio* dentro do contexto histórico uruguaio, isto é, uma situação vivida por aqueles que se envolviam com a luta clandestina durante os anos de ditadura no país e que, para isso, precisavam se afastar de tudo que caracterizavam a vida de um cidadão comum. Para as autoras, a situação de *insilio* se configura como um movimento realizado dentro do território de origem, sem haver a necessidade de saída para o exterior. Por isso é um termo que apresenta esta especificidade, utilizando-se o prefixo “in” para referir-se a um movimento interior. Nas palavras das autoras, o *insilio*

ISSN 1981-4127

> [...] da cuenta de un tipo de desplazamiento (forzado o aparentemente involuntario) que o bien ocurre dentro del territorio (país) de origen o bien resulta en un desplazamiento simbólico, en un 'ir hacia el interior', encapsular la vida, limitarla, cambiar los hábitos, desplazarse de la habitualidad, lo que supone reducir y evitar contactos con familiares, amigxs, personas conocidas, iniciar, en definitiva, un proceso con características cada vez más ostracistas, que avanza hacia un distanciamiento de los espacios y lugares que alguna vez configuraron su origen, historia e identidad (Larrobla Caraballo; Figueredo Corradi, 2023, p. 3).

A definição apresentada pelas autoras permite compreender o *insilio* não apenas como um deslocamento físico dentro do território nacional, mas também como uma experiência de retraimento e afastamento das referências que constituíam a vida do indivíduo. Spadola (2022) afirma que o *insilio* tem como característica um teor mais íntimo que é percebido mediante a análise das repercussões internas no sujeito que sofre esse tipo de deslocamento. Esse sujeito experimenta un profundo sentido de "aislamiento y extrañamiento frente a la sociedad en la que vive, independientemente del hecho de que se encuentre en su propia patria o en el extranjero" (Spadola, 2022, p. 187), o que dialoga com o que afirma Capaverde (2025), que destaca como característica principal o sentimento do ser estrangeiro.

Os autores Coraza de los Santos e Gatica (2019) também contribuem para a reflexão a respeito do que vem a ser este exílio interno, uma vez que se trata de um termo que é utilizado quando se pretende referir a um exílio que ocorra em espaço pouco abrangente. Para os autores, o conceito é assim definido:

> Es un término controvertido, pues desde el punto de vista analítico no necesariamente tiene que ver con el acto de movilidad – en muchos casos se refiere a personas que ni se cambiaron de domicilio -, sino asociado a una sensación, un sentimiento, que alude a un estar fuera, pero dentro, es decir, sentirse expulsado, desterrado sin moverse del lugar. Se sigue viviendo en el mismo lugar físicamente – o a veces con desplazamientos de corta o media distancia, dentro del país de residencia -, pero este ha cambiado, ya no se le reconoce como contenedor de los elementos de referencia identitaria primaria – social y política – que le otorgan ese grado de pertenencia; ya no se le reconoce como propio [...] (Coraza de los Santos; Gatica, 2019, p. 123 – 124).

ISSN 1981-4127

As perspectivas apresentadas permitem identificar na trajetória de Adelaida diferentes manifestações do *insílio ou* do exílio interior, termo que acreditamos melhor caracterizar esse processo pelo qual passa a personagem de Borgo desde o início de trama, já que a personagem vivencia as duas situações citadas: um deslocamento de curta distância no próprio território nacional e um sentimento de trânsito identitário e corpóreo.

Assim, podemos pensar a perda dos laços familiares e dos espaços como os primeiros acontecimentos que funcionam como uma preparação para a partida definitiva. Adelaida é proibida de voltar para sua própria casa e, após passar a viver no apartamento da vizinha, continua sem poder circular pelas ruas, ou seja, seu acesso a qualquer estabelecimento é bastante limitado em função da violência. A personagem foi exposta a todos esses níveis de isolamento, um após o outro, de maneira forçada, pois nem a morte da mãe (isolamento familiar), nem a violência nas ruas (isolamento social), nem a invasão do seu apartamento (isolamento de seu espaço) estavam sob seu controle, configurando-se um estado de exílio. Frente a essa fratura, o que se manifesta de forma explícita é o desejo extremo de sair e não voltar, e a sensação de não pertencimento, como se pode observar na passagem: "[...] o país que me expulsou e ao qual eu ainda pertencia, sem fazer mais parte dele" (Borgo, 2019, p. 167). Essa condição aproxima-se da reflexão de Julia Kristeva, em seu texto **Estrangeiros a nós mesmos** (1994), em que afirma que o estrangeiro é caracterizado por ser adepto da solidão, "incluindo a que sente no meio das multidões" (Kristeva, 1994, p. 13). Essa solidão se dá pelo fato de o estrangeiro se reconhecer como aquele que perdeu a mãe, isto é, a pátria amada, o lugar de acolhimento, imagem metafórica que dialoga perfeitamente com as experiências de Adelaida.

A experiência de isolamento e da estrangeiridade por via da perda dos vínculos de pertencimento conduz a protagonista a uma nova etapa de sua trajetória: a preparação para deixar o país. Nesse processo, a dimensão da corporeidade torna-se indispensável para compreender as transformações subjetivas que antecedem o deslocamento físico. Amaro afirma que "existem transformações nos estados corporais desde a projeção da viagem: a criação prévia de expectativas, ansiedades, ilusões e excitações marcam o começo do

ISSN 1981-4127

viajar, ainda que nesta fase não se tenha saído do lugar de partida" (Amaro, 2013, p. 62). Compreende-se, portanto, que as mudanças advindas de um processo de deslocamento não ocorrem somente durante o deslocamento em si, mas podem ocorrer antes, no momento de preparação da saída.

Segundo Amaro (2013, p. 62), "O deslocamento imaginário é uma primeira pulsão da viagem" e Adelaida primeiramente tem a ideia, analisa, estuda, imagina como se daria o processo para só então começar a colocar em prática seu plano. Um trecho muito interessante do trabalho de Amaro diz o seguinte:

> [...] Depois o ato de sair de onde se está e partir para outro lugar demanda uma decisão que por mais subjetivas e pessoais que sejam suas motivações requer uma certa objetividade e racionalidade para agir neste lugar de trânsito, o corpo começa a receber e a processar as misturas de referências culturais dos dois ou mais lugares de fronteira aos quais atravessa. Quando se chega a um lugar novo, desconhecido, é o momento de fazer com que a cultura anterior venha a ser substituída pela atual (Amaro, 2013, p. 62).

A reflexão de Amaro (2013) também contribui para compreender a complexidade das motivações que levam a personagem a deixar a Venezuela. Embora sua decisão esteja relacionada às condições sociais e políticas do país, são as perdas sucessivas no âmbito pessoal que intensificam sua percepção de expulsão e de não pertencimento. A deterioração do espaço nacional e a destruição de suas referências afetivas passam, assim, a constituir dimensões complementares de uma mesma experiência de ruptura. Essa condição agônica da protagonista é perceptível através dos sentimentos de morte, aniquilação, desesperança e estranhamento em diferentes passagens da narrativa, o que leva a personagem a considerar seus sentimentos e as ocorrências em sua vida para a tomada da decisão de sair do país.

Voltando ao que afirma Amaro (2013), no trecho citado anteriormente, além da subjetividade, há a questão da objetividade e racionalidade presente na tomada de decisões dentro do processo de trânsito. A personagem, a partir do momento que decide mudar de identidade, vai lidando da maneira mais objetiva possível com a situação, desde se livrar do corpo da vizinha espanhola de uma maneira pragmática, até ir aprendendo tudo que pudesse a respeito de sua vida e sua família, tudo pensado e analisado de acordo com a melhor forma que encontrou para se proteger.

ISSN 1981-4127

Dessa forma, a questão da corporeidade a que nos referimos ao tratar do deslocamento subjetivo está diretamente relacionado a perda do espaço na dimensão física de "quem era", isto é: a perda de si mesma. Embora Amaro (2013, p. 62), quando se refere ao ato do corpo começar a "processar as misturas de referências culturais dos dois ou mais lugares de fronteira aos quais atravessa", esteja considerando o contato com diferentes espaços culturais durante a mobilidade, sua contribuição permite pensar a experiência de Adelaida a partir de outra forma de transposição de fronteiras: aquela que ocorre quando a personagem decide incorporar a identidade de outra pessoa. Nesse caso, a transformação não decorre inicialmente do contato com um novo território físico, mas da apropriação de referências identitárias da mulher morta que passam a constituir sua própria existência.

Amaro ainda afirma que

> O corpo precisa ser reeducado, novas condutas comportamentais muitas vezes precisam serem assimiladas e incorporadas para que haja melhor interação e convívio com os nativos e habitantes do território até então alheio. Reconhecer o território do outro como seu requer um exercício mais de adaptação que de domínio [...] (Amaro, 2013, p. 62).

A reflexão do autor permite compreender a complexidade da transformação vivenciada pela protagonista, que precisa assimilar novos comportamentos e referências para ocupar o lugar de Aurora. Ao adentrar o universo da vizinha, atravessa uma fronteira que ultrapassa os limites do espaço físico. Quando Adelaida decide assumir a identidade de Aurora Peralta, inicia-se uma experiência de deslocamento de natureza corporal e simbólica, marcada pela transposição dos limites que distinguem o eu do outro. O contato aprofundado com a trajetória de Aurora permite que Adelaida apreenda seus hábitos, comportamentos e conhecimentos, incorporando gradualmente elementos necessários para ocupar o lugar da vizinha. Esse movimento implica, simultaneamente, um afastamento de suas próprias referências, uma vez que, para se apresentar como Aurora, precisa reconfigurar sua maneira de agir e de se relacionar com o mundo. A

ISSN 1981-4127

apropriação da identidade alheia, portanto, constitui uma estratégia de sobrevivência, mas também produz uma transformação subjetiva na personagem.

Essa experiência de abandono e transformação das referências anteriores pode ser relacionada às reflexões de Ianni (2003), que afirma que aquele que se desloca abandona muitas coisas, não apenas no momento da partida, mas também ao longo do caminho. Para o autor, o contato com o desconhecido promove o distanciamento de certezas, hábitos e experiências anteriores, produzindo transformações ao longo da trajetória. No caso de Adelaida, esse desprendimento começa antes mesmo da saída efetiva da Venezuela: ele se manifesta na gradual substituição de sua identidade pela de Aurora, condição necessária para que consiga deixar o país. Sua partida, portanto, tem início ainda em Caracas, no momento em que passa a abandonar determinados traços de si e a incorporar aqueles que lhe permitem assumir uma nova identidade. O deslocamento físico que se concretizará posteriormente é, assim, precedido por um deslocamento subjetivo, no qual a personagem se distancia de quem foi para tornar possível a construção de quem precisa ser.

3 Considerações finais

Como pudemos observar nesse romance, o foco está na perda do sentimento de pertencimento e no crescente *insilio* sofrido pela protagonista como forma de preparação para a partida. O leitor, portanto, acompanha os acontecimentos que levam a protagonista a se deslocar, o que inclui um processo interno com todas as implicações identitárias envolvidas, e por fim a saída de seu país rumo a outro destino como última alternativa encontrada. Em **Noite em Caracas** (2019), acompanhamos os deslocamentos no seu espaço doméstico e sua imobilidade social, assim como todas as ações realizadas pela personagem *antes* do deslocamento para Espanha. E é nesse antes que observamos que para realização da partida -o deslocamento físico-, a personagem passará por outro processo de deslocamento, o simbólico, principalmente no que se diz respeito a sua identidade.

As sucessivas perdas vivenciadas pela personagem contribuem para que ela não se veja mais como parte de seu país e fizeram com que ela concluísse que, para conseguir viver em paz, com o mínimo de

ISSN 1981-4127

dignidade e sem medo, teria de viver em estado de *insilio* até a saída definitiva da Venezuela. Portanto, a relação construída entre ela e as comunidades de vida ou de destino (Bauman) é central na obra, impactando diretamente seu sentimento de pertencimento aos referentes nacionais. Nessa narrativa, a busca desesperada por uma nova identidade em meio ao caos e à ruína destaca a fragilidade das noções tradicionais de pertencimento nacional. Também observamos como a violência que causou o *insilio* influencia profundamente a constituição dos vínculos e formas de pertencimento dos sujeitos.

Dentro da produção literária contemporânea venezuelana, a obra de Borgo é uma excelente exemplar que nos apresenta uma narrativa que promove o debate sobre os trânsitos tanto na forma física e espacial, quanto subjetiva e identitária, refletindo a complexa realidade que permeiam os trânsitos migratórios. Conforme apontam Capaverde e Maioli (2022), na introdução da obra que organizaram sobre a literatura venezuelana contemporânea, é o momento de observar, a partir da perspectiva literária, como a literatura produzida sobre ou a partir da Venezuela incorporou esses movimentos em suas produções contemporâneas (Capaverde; Maioli, 2022, p. 11).

REFERÊNCIAS

AMARO, Fernanda Ribeiro. **Escritos de viagem e a construção do espaço vivido por meio do deslocamento**. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Rosa dos Ventos, MG, 2013.

ASSMANN, Aleida. Locais. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. In: ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, p. 317 – 361.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BORGO, Karina Sainz. **Noite em Caracas**. Tradução: Livia Deorsola. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

CAPAVERDE, Tatiana. A escrita migrante de J. C. Méndez Guédez: três venezuelanos em Madri em *Árbol De Luna.* In: CAPAVERDE, Tatiana da Silva; SILVA, Liliam Ramos da. (Org.). **Deslocamentos culturais e suas formas de representação**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019, p. 24 – 54.

CAPAVERDE, Tatiana; MAIOLI, Juliana Bevilacqua. (Org). **Literatura venezolana en perspectiva:** voces contemporáneas. Rio de Janeiro, Brasil: Edições Makunaima, 2022.

ISSN 1981-4127

CAPAVERDE, Tatiana. Insilio. In: CAPAVERDE, Tatiana da Silva (Org.). **Conceptos clave para los estudios de la literatura venezolana actual**. Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima, 2025, p. 115 – 133.

CORAZA DE LOS SANTOS, Enrique; GATICA, Mónica Graciela. Reflexionando sobre el carácter forzado en las movilidades humanas. **Revista de História Social y de las Mentalidades**, v. 23, nº 2, p. 111 – 131, jul/dez, 2019. Disponível em: < https://pdfs.semanticscholar.org/c5c6/68abae2d2d722a24a382e79503d51d126132.pdf>. Acesso em: 10 ago 2023.

FIGUEIREDO, Eurídice; NORONHA, Jovita Maria Gerhein. Identidade Nacional e Identidade Cultural. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 189 – 205.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 13 - 31.

JAROCHINSKI-SILVA, João Carlos; BAENINGER, Rosana. O êxodo venezuelano como fenômeno da migração sul-sul. **REMHU**, v. 29, n. 63, dez. 2021, p. 123 – 139. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/5CJ6rWdFCgGWKzdYqLdQLhx/?lang=pt>. Acesso em: 20 ago 2023.

KRISTEVA, Julia. Tocata e fuga para o estrangeiro. In: KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros a nós mesmos**. Tradução: Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LARROBLA CARABALLO, Fabiana; FIQUEREDO CORRADI, Magdalena. Vidas clandestinas, historias fragmentadas otra forma de insilio en Uruguay. **Páginas**, n. 38, p. 1 – 22, mai/ago, 2023. Disponível em: < https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8899336>. Acesso em: 12 set. 2023.

ROJO, Violeta. Las heridas de la narrativa venezolana contemporánea. **Cuadernos de Literatura**, v. XX, n. 40, jul-dic, 2016, p. 653 – 656.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46-60.

SPADOLA, Carmelo. En el jardín cerrado de Emilio Prados: entre destierro y exilio interior. In: CANFIELD, Martha L.; SÍMINI, Diego; SPADOLA, Carmelo. **Exilio e insilio en las literaturas hispánicas**. Lingue e Linguaggi, v. 50, p. 155 – 195, 2022.

ZAMBRANO, Grégory. Violencia y distopía en La hija de la española, de Karina Sainz Borgo. In: CAPAVERDE, Tatiana da Silva; MAIOLI, Juliana Bevilacqua. (Org) **Literatura venezolana en perspectiva**: voces contemporáneas. Rio de Janeiro, Brasil: Edições Makunaima, 2022, p. 219 – 248.